

12 JUL 1983

Quebra de Palavra

Economia - Gás

É por todos os títulos lamentável que o Brasil tenha-se colocado na vulnerável posição de ter descumprido programas propostos ao Fundo Monetário Internacional, como se tornou transparente.

Não importa se o motivo real foi a desvalorização da moeda, que inflacionou orçamentos, obrigando as empresas públicas a desembolsos maiores que os previstos, ou se é preciso fazer concessões à delicada situação social interna, temendo tumultos maiores ainda do que assistimos nas últimas semanas.

O que faltou — e isso é cada vez mais cristalino — foi firmeza política para seguir um curso capaz de restaurar em um prazo mais curto de tempo a autoconfiança de que o país tanto necessita.

Isso abriu margem para que o Fundo Monetário, com justa razão, diga que “os principais problemas da área das finanças públicas persistem”, e acrescente que “as autoridades não vêm sendo suficientemente energicas em sua política de preços. Tem havido uma tendência de se aumentar os preços meramente para acompanhar a inflação, em vez de suplantá-la...”

Torna-se evidente que o Brasil não se colocou em condições de receber um novo e pronto aval do FMI para reabrir as negociações com os bancos comerciais,

os quais esperam pela “auditoria” do órgão internacional.

É preciso que se fixem dentro do Governo as responsabilidades pelo que está ocorrendo. Tudo indica que existem vozes diferentes e diapasões distintos tratando da questão grave, cada vez mais grave, do inevitável acerto de contas do Brasil com o exterior. Há poucas semanas o Ministro do Planejamento deixou claro, em um pronunciamento feito no Congresso, algo muito semelhante ao que está escrito no relatório do Fundo Monetário. Com ou sem responsabilidades da área política, é lamentável que a Nação tenha de produzir promessas difíceis de cumprir, ou procure contornar e adiar os sacrifícios que se impõem a todos. É essa anemia política, esse permissivismo político que provoca atitudes como as que assistimos de clara desafio sindical em São Paulo, ou a rebeldia enrustida, mas latente, dos administradores de empresas públicas. Será ilusório, nesta semana crítica para o Brasil, com bancos privados batendo à sua porta, pensar que o país tem outra saída além do amargo trago do cinto apertado e de restrições para todas as classes. Qualquer reincidência na flacidez das posições e no caráter dúbio das concessões políticas determinará uma situação ainda mais triste e uma imagem ainda mais rota para o Brasil no exterior.